

UM OUTRO PONTO DE VISTA: O Ponto de Cultura como ferramenta para o desenvolvimento e preservação das identidades culturais

*Eduardo Garcia Souza**
*Ícaro Vasques Inchauspe***

RESUMO: O presente estudo busca discutir como o Programa Nacional Cultura Viva (PNCV) contribui no desenvolvimento local por meio da preservação dos saberes-fazer através de identidades culturais ligadas ao artesanato em lã (cultura da lã – ovinocultura) enquanto uma manifestação cultural geradora de um produto cultural no município de Jaguarão/RS. Como ponto de partida analisou-se especificamente a Associação dos Artesãos, entidade cultural que atua no manejo do artesanato em lã, do qual o Ponto de Cultura Jacquard – em implementação – é responsável. Verificou-se em um primeiro momento como este mecanismo político-cultural pode contribuir para expansão do território local no viés econômico, social e cultural com a finalidade de fornecer subsídios a salvaguarda dessa cultura que fornece proventos à diversas famílias e serve como complemento gerador de emprego e renda. A fim de obter um maior conhecimento sobre a atividade, se fez uso de observação participante em reuniões desde o processo de elaboração e implementação e análise da legislação e do escopo do projeto. Foi possível identificar que existe a potencialidade do Ponto de Cultura funcionar como instrumento promotor dessa dinâmica produtiva e impulsionar o desenvolvimento local, preservando a cultura e promovendo o acesso das artesãs locais desde a produção, circulação até fruição deste produto cultural na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: ponto de cultura; desenvolvimento territorial; identidades culturais.

ANOTHER POINT OF VIEW: THE CULTURE POINT AS A TOOL FOR DEVELOPMENT AND PRESERVATION OF CULTURAL IDENTITIES

ABSTRACT: The present study aims to discuss how the National Program Alive Culture (NPCA) contributes to local development through the preservation of knowledge-doings through cultural identities linked to wool crafts (wool culture - sheep industry) as a cultural manifestation that generates a cultural product in Jaguarão city in Rio Grande do Sul. As a starting point was analyzed specifically the Association of Artisans, a cultural entity that operates the craft handling wool, which the Jacquard Culture Point - in implementation - is responsible. In the first moment was verified how this politic-cultural tool could contribute to expand the territory in the economic, social, and cultural domains with the finality to give subsidies to preserve this culture that provides support to different families and it works as a complement which promote job and income. In order to get a better understanding

* Mestrando em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Brasil, admeduardogarcia@gmail.com.

** Bacharel em Produção e Política Cultural pela Universidade Federal do Pampa. Coordenador-técnico e Pesquisador do Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura – CLAEC, Brasil, icarovasques@claec.org.



of the activity, was utilized the participant observation in meetings since the process of drafting and implementing and analyzing legislation and the scope of the project. It was possible to identify that there is the potential of the Point of Culture to function as a promoter of this productive dynamics and to promote local development, preserving the culture and promoting the access of local artisans from the production, circulation and enjoyment of this cultural product in society.

KEYWORDS: culture point; territorial development; cultural identities.

* * *

Introdução

A criação de ovinos e caprinos, por vezes ignoradas por países em desenvolvimento, são fundamentais para a produção de alimentos para famílias pobres¹, além de prover alimentos para famílias das zonas rurais, graças a sua adaptabilidade a diversos tipos de clima, foram muito úteis como fonte de lã para proteger-se das baixas temperaturas². No Rio Grande do Sul, a ovinocultura foi inserida a partir do Século XV, mas teve seu real destaque comercial no século XX, com a lã como produto principal³ demanda essa exigida no mercado internacional fortemente em virtude da Primeira Guerra Mundial⁴.

Desses dois propósitos principais da produção de ovinos, a lã tomou destaque no início do século passado, sendo a carne um produto de segundo plano, subproduto da produção lanífera. Todavia, da mesma forma que aconteceu ascensão da lã, a sua queda veio à tona no final da década de 1980 e início de 1990, a crise da lã se estabeleceu por conta da política australiana de estocagem, visando aumentar os preços da lã, fazendo os consumidores aderirem ao tecido sintético que entrava no mercado com preço mais acessível⁵. Segundo Viana e Waquil⁶ (2013) a carne tomou conta do cenário produtivo, fazendo a reversão do quadro anterior, colocando a lã em segundo plano. Ascensão essa, que em grande medida foi beneficiada pelo aumento do poder aquisitivo da população e novos hábitos de consumo⁷.

Diante do cenário atual, com pouco destaque para a produção lanífera, o território de Jaguarão-RS, cidade gêmea⁸ de Rio Branco – Uruguai, apresenta ainda atores que salvaguardam essas atividades

¹ KHALFAN, Zulf. Pequenos ruminantes con gran potencial. CIID Informa, v. 10, n. 3, p. 20-21, 1984

² VIANA, J. G. A. Panorama Geral da Ovinocultura no Mundo e no Brasil. Porto Alegre: Revista Ovinos, n. 12, março/2008

³ VIANA, J. G. A., SILVEIRA, V. C. P. Análise econômica da ovinocultura: estudo de caso na Metade Sul do Rio Grande do Sul, Brasil. Santa Maria: Ciência Rural, dez/2008.

⁴ POETA, A. P.; SANTOS, D. V.; KOHEK JR, I.; MACHADO, G.; HEIN, H.; VIDOR, A. C.; CORBELLINI, L. G. Ovinocultura do Rio Grande do Sul: descrição do sistema produtivo e dos principais aspectos sanitários e reprodutivos. Pesquisa Veterinária Brasileira (Online), v. 12, p. 1441-1446, 2013.

⁵ VIANA, J. G. A., SILVEIRA, V. C. P. Análise econômica da ovinocultura: estudo de caso na Metade Sul do Rio Grande do Sul, Brasil. Santa Maria: Ciência Rural, dez/2008.

ÁVILA, V. S.; FRUET, A. P.; BARBIERI, M.; BIANCHINI, N. H.; DÖRR, A. C. O Retorno da Ovinocultura ao Cenário Produtivo do Rio Grande do Sul. Florianópolis: Rev. Elet. em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental, v.11, no 11, p. 2419-2426, JUN, 2013.

⁶ VIANA, J. G. A., WAQUIL, P. D. The evolution of sheep production in Rio Grande do Sul and Uruguay: a comparative analysis of structural change. Santa Maria: Ciência Rural, v.43, n.6, p.1131-1140, jun/2013.

⁷ Op.cit. AVILA (2013)

⁸ O conceito de cidades-gêmeas, definido pelo Ministério da Integração Nacional (MI) em 2014, reconhece municípios situados na linha de fronteira, seja seca ou fluvial, integrada ou não por obras de infraestrutura, que apresentem grande

econômicas produtivas, em especial a cooperativa local, responsável pela lavagem de lã e a associação de artesãos, que trabalha diferentes técnicas de artesanato através da lã natural de ovinos, a qual centra-se nossa análise.

Existem em torno de 30 artesãs que dominam as técnicas de produção em lã e um grupo interessados em aprender o trabalho, que é passado através de oficinas do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR). Todavia, existem alguns problemas enfrentados, desde dificuldades com gestão, a perda dos saberes, haja vista que a maioria das artesãs se encontra em uma idade mais avançada. Frente estes problemas, o estudo procura identificar algumas questões consideradas relevantes tanto para fins científicos de análise quanto para a comunidade local.

Portanto, a ideia central deste trabalho é abordar em sua forma teórica-conceitual e prática como o Ponto de Cultura Jacquard⁹ (ainda em implementação) por meio da ação da Lei nº 13.018 de 2014¹⁰ que institui a Política Nacional Cultura Viva (PNCV) pode ajudar a promover o desenvolvimento através da identidade cultural do território, expressada pelo artesanato em lã. Buscamos aqui, relacionar a exemplificação da Associação dos Artesãos via Ponto de Cultura Jacquard, a partir de uma política de Estado (PNCV) que traga a salvaguarda desta manifestação cultural e dê condições de potencializar atividades já realizadas através da identidade e diversidade cultural em combinação com o desenvolvimento do território, no caso a ovinocultura ou cultura da lã que move uma cadeia desde os produtores da agricultura familiar, as cooperativas de lã, entidades culturais e a comunidade em geral permeado por um território que dê condições para o desenvolvimento via políticas públicas dando condições de acesso.

potencial de integração econômica e cultural. A definição só é válida para as cidades que tenham, individualmente, uma população superior a dois mil habitantes. O reconhecimento dessas cidades-gêmeas é um primeiro passo para a formulação de políticas públicas conjuntas, que tratem de problemas e de oportunidades comuns aos dois lados da fronteira. A portaria nº 213/2016, pode ser verificada no Diário Oficial da União (DOU): <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=12&data=20/07/2016>

⁹ Jacquard é uma técnica de tecelagem idealizada por Joseph Marie Jacquard (1834) onde os tecidos são formados por fios, que por sua vez feitos de fibras, naturais ou artificiais. As fibras naturais são obtidas de plantas como o algodão ou o linho; a lã e a seda são obtidas de animais; e as fibras sintéticas são produzidas pelo homem, através de processos químicos. A cor é adicionada depois do tecido através da estamperia ou do tingimento; mas os tecidos podem ser também construídos a partir de fios tingidos (YATES, 1996, p.4-5). Ao longo do tempo, as próprias artesãs da Associação dos Artesãos foram criando novas técnicas de tecelagem em crochê e tricô em Jacquard.

YATES, Marypaul. *Textiles: a handbook for designers*. New York: Norton & Company, 1996.

¹⁰ PRESIDENCIA DA REPÚBLICA. LEI Nº 13.018, de 22 de julho de 2014, que institui a Política Nacional Cultura Viva. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113018.htm. Acessado em 04/10/16.

As análises que constam no trabalho se deram através de observação participante juntamente com as artesãs locais, em reuniões desde a idealização até a implantação do Ponto de Cultura Jacquard realizadas em duas etapas: A primeira parte foi pensada na idealização do projeto ano de 2014 e após sua aprovação em 2016. Decorrente deste processo, foi pensado o planejamento da execução do projeto. Além disso, realizou-se análise documental através da interpretação do conteúdo legislativo e do escopo do projeto em questão, identificando os desdobramentos institucionais do Ponto de Cultura, decorrente do Programa Cultura Viva de forma a verificar suas contribuições para um melhor aprimoramento de suas práticas e ações a serem desenvolvidas a partir do planejamento elaborado.

Para tanto, na sequência apresenta-se a discussão teórica acerca deste debate e como esta manifestação cultural pode ser potencializada desde a sua atividade já executada até dimensões de desenvolvimento territorial, econômico, simbólico e cidadão.

Desenvolvimento, um debate incessante

Diante do caráter multifacetado do desenvolvimento, a tarefa da sua conceituação torna-se difícil, devido à multiplicidade de entendimentos que são atribuídos a ele. Ainda assim, usualmente se atribui o desenvolvido ao moderno, compreendendo que esse fenômeno de desenvolvimento é uma transição, de um modo tradicional para um modo novo, moderno e tecnológico. Esse dualismo histórico acarreta na dicotomia entre urbano e rural, onde o rural é apenas um degrau na caminhada ao plano urbano. Assim os métodos mais antigos de produção (ditos tradicionais), fontes de renda das famílias rurais, são subvalorizados frente um ideal de modernização. Esse discurso traz implicações na esfera sociocultural. A supressão do rural sob o plano moderno faz com que formas de trabalho e renda típicas das famílias rurais sejam desestimuladas e acabem desaparecendo e na exclusão social pelo fim da atividade que garantia proventos à família.

O conceito de desenvolvimento veio à tona depois da Segunda Guerra Mundial por volta da década de 1950, com o nascimento da escola de desenvolvimento econômico, “anteriormente se utilizaram outros conceitos próximos e para muitos sinônimos de desenvolvimento: riqueza, evolução econômica, industrialização, modernização ou crescimento econômico”¹¹.

¹¹ RODRIGUEZ-FERREIRA, J. C. *La Economía Mundial y El Desarrollo*. Madrid: Acento, 1997.

No Brasil, através da economia cafeeira o país tinha seu crescimento induzido pela exportação na década de 1930, com a grande depressão nesse período, passou-se a repensar o modelo econômico de desenvolvimento para um modelo centrado na substituição de importações. Esse ideal se fortificou com a criação da CEPAL (Comissão Econômica para América Latina e Caribe) em 1948, ancorada num ideal Cepalino, a década de 1950 com a liderança de Juscelino Kubitschek, criou-se o plano de metas com uma política econômica voltada para principalmente para a industrialização, com grande intervenção estatal¹². Desenvolvimentismo foi a nomenclatura designada ao processo interno de industrialização, centrando-se em questões de desenvolvimento tecnológico, inclusive no mundo rural¹³.

Segundo Fonte e Ranaboldo (2008)¹⁴ o modelo de desenvolvimento econômico experimentado, baseado no modelo industrial fordista e na globalização ameaça a sobrevivência de diferentes regiões e de comunidades locais, “A crise social, que tem se acentuado nos últimos tempos, com graves reflexos sobre a sociedade brasileira em geral. A modernização da agricultura foi – e ainda é – um fator de exclusão social”. Tanto a modernização e industrialização, quanto mais recente nas últimas. Nesse sentido, a reflexão acerca do termo “desenvolvimento”, é necessária, há a necessidade de se pensar a esfera social e cultural do desenvolvimento também.

Concentrar o olhar aos indivíduos, e identificar na capacidade deles de ter acesso a melhores condições de vida, acesso a saúde e educação de qualidade, é mais do que simplesmente verificar a renda, ainda que esta seja uma variável essencial para garantir o acesso a tais condições¹⁵ o desenvolvimento é um processo que ligado com a liberdade dada às pessoas, e a capacidade que o agente social tem de agir na sociedade, conforme as oportunidades que são dadas a população. Neste caso, para que exista realmente a liberdade, o Estado deve prover condições a seus cidadãos de acesso a saúde, educação, cultura, transporte e distribuição de oportunidades. Portanto, é preciso progredir na análise e não tomar uma única via de desenvolvimento como ideal.

¹² PEREIRA, J. M. D. Uma breve história do desenvolvimentismo no Brasil. Cadernos do Desenvolvimento, Rio de Janeiro, v. 6, n. 9, p.121-141, jul.-dez. 2011.

¹³PEREIRA, L. C. B. Desenvolvimento e crise no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 1976;

PAIVA, Ruy Miller. Modernização e dualismo tecnológico na agricultura. Pesquisa e Planejamento, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 171-234, dez. 1971.

DELGADO, G. C. Expansão e modernização do setor agropecuário no pós-guerra: um estudo da reflexão agrária. Estudos avançados, v. 15, n. 43, p. 157-172, 2001

¹⁴ FONTE, M. RANABOLDO, C. Desarrollo rural, territorios e identidades culturales. Perspectivas desde América Latina y la Unión Europea. In: URIBE, D. S. MALDONADO, C. E. FONTE, M. RANABOLDO, C. Territorios con identidad cultural. Perspectivas desde América Latina y la Unión Europea. Colombia: Revista Opera, 2008. Introducción, p. 7-33.

¹⁵ SEN, A. Desenvolvimento como liberdade. São Paulo: Companhia de Letras, 2007.

No entendimento, do desenvolvimento como promoção das condições de acesso dos indivíduos, ainda que suas atividades econômicas sejam tradicionais, a concepção do desenvolvimento como identidade cultural, fornece o entendimento da possibilidade da abertura econômica e social para as pessoas marginalizadas pelo processo de modernização através da valorização da localidade e as tradições do lugar, o desenvolvimento com identidade cultural¹⁶.

Os produtos dessas regiões oferecem uma gama de virtudes para redução da pobreza, pois seus criadores são geralmente grupos marginalizados e também criam empregos agrícolas ao mesmo tempo que fortalecem a diversificação das habilidades, capacidades e saberes locais, sendo assim capazes de gerar renda e aumentar as liberdades individuais.

Todavia, esse processo não é tampouco fácil, ele parte da disponibilidade de uma democracia mais participativa (que constituem a capacidade dos atores locais promover o desenvolvimento através de características endógenas)¹⁷. O desenvolvimento com identidade cultural, não acontece obviamente num processo automático através dos atores locais, é necessária a participação de agentes e instituições de fora do território, pois esse desenvolvimento supõe interação entre forças locais e de fora da localidade (endógenas e exógenas)¹⁸.

Para isso acontecer, explica Flores (2006)¹⁹, há que considerar a importância das instituições, pois o desenvolvimento não ocorre somente por movimentação dos atores sociais da localidade, se não por um fortalecimento das práticas desses atores através das instituições. Essas instituições tornam-se fundamentais para promover o desenvolvimento com identidade cultural, trazendo atores externos ao território que por intermédio das instituições contribuem com os atores locais para que o desenvolvimento ocorra.

Nesse sentido, o ponto de cultura surge como uma ferramenta capaz de fortalecer a capacidade do território, inserindo-se através de agentes externos ao território, tem a intenção de promover dimensões socioculturais que são essenciais para o desenvolvimento local e para a ascensão de atores sociais envolvidos nesses processos, no que diz respeito a obtenção de melhores condições de vida, graças a promoção da prática tradicional da localidade.

¹⁶ Op. Cit. FONTE; RANABOLDO (2007)

¹⁷ Op. Cit. FONTE; RANABOLDO (2007).

¹⁸ Op. Cit. FONTE; RANABOLDO (2007).

¹⁹ FLORES, Murilo. A identidade cultural do território como base de estratégias de desenvolvimento—uma visão do estado da arte. Santiago-Chile: RIMISP, 2006.

Embutido na execução do PNCV que procura fortalecer as práticas já realizadas com a finalidade de ampliar e dar condições do Ponto de Cultura Jacquard no desenvolvimento de suas atividades. Veremos como o Ponto de Cultura poderá desenvolver suas ações através da inclusão do PNCV no rol das políticas culturais.

A Política Nacional de Cultura Viva e a diversidade cultural como ferramenta para o desenvolvimento territorial

A partir do Programa Cultura Viva na gestão Gilberto Gil e Juca Ferreira à frente do Ministério da Cultura até sua virada institucional tornando-se a Política Nacional de Cultura Viva (PNCV), instituída pela Lei nº 13.018, de 22/07/2014, regulamentada pela Instrução Normativa/MinC nº 01, de 07/04/2015, que transforma os Pontos e Pontões de Cultura em Política de Estado, é ação fundamental para o impulso a uma política de base comunitária tendo como uma das políticas culturais com mais capilaridade e visibilidade do Ministério da Cultura, a criação dos Pontos de Cultura enquanto mecanismo pontual de execução.

Os Pontos de Cultura, representam hoje cerca de 4 mil iniciativas em todo o país, presentes nos 27 estados brasileiros e em cerca de mil municípios. Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), os Pontos de Cultura reúnem em suas ações cerca de 8 milhões de pessoas, na periferia das grandes cidades e também nos menores municípios do país, reconhecendo e fomentando iniciativas e projetos já existentes e atuantes nestes territórios.

Entre os principais beneficiários e protagonistas do Cultura Viva estão os grupos de culturas tradicionais, a produção cultural das periferias e do interior do Brasil, a cultura digital e as tradições dos povos indígenas. Esta base social também se amplia para outros segmentos sociais, alcançando os setores médios, em especial a juventude urbana, periférica, universitária, jovens artistas, novos arranjos econômicos e produtivos.

É uma parceria entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios com a sociedade civil. O objetivo é: *garantir o pleno exercício dos direitos culturais aos cidadãos brasileiros; estimular o protagonismo, a gestão pública compartilhada das políticas públicas da cultura, amparada em mecanismos democráticos de diálogo e participação*²⁰[grifo nosso].

²⁰ Para acesso das diretrizes da política cultural, acessar o link: <http://www.cultura.gov.br/cultura-viva1>

Na avaliação de Juca Ferreira, secretário executivo do Ministério, houve, na instituição, uma nova visão de cultura com viés antropológico que valoriza todos os modos de expressão, daí a necessidade do MinC em chegar às culturas populares, às etnias, aos grupos etários, aos trabalhadores, dando “a importância devida a essas expressões culturais, conferindo-lhes o justo valor cultural, preenchendo lacunas e reparando erros”²¹.

Segundo Barbalho (2007)²² a preocupação do MinC com os grupos e redes excluídos do raio de alcance do Ministério motivou a criação de um dos mais importantes programas da gestão Gilberto Gil, o Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania – Cultura Viva. Na compreensão de Célio Turino, grande idealizador da cultura de paz, dos territórios, e coordenador do programa, o Cultura Viva se volta para aqueles que denomina de “os sem Estado”, ou seja, os milhares de brasileiros e brasileiras que não acessam os direitos básicos da cidadania, inclusive o cultural. Em sua busca por um “Estado ampliado”, o Cultura Viva promove:

[...] acesso aos meios de formação, criação, difusão e fruição cultural, cujos parceiros imediatos são agentes culturais, artistas, professores e militantes sociais que percebem a cultura não somente como linguagens artísticas, mas também como direitos, comportamento e economia²³.

Neste sentido, em consonância com o PCNV, a cultura relaciona-se em sua transversalidade com educação e cidadania, da qual aponta três conceitos para superar o que Paulo Freire denominou como a *cultura do silêncio*²⁴, ou pouca efetividade enquanto cidadania cultural na participação política. Os três conceitos foram buscados para uma nova composição da ideia entre democracia, educação, cultura e participação da sociedade, que servirão de referencial para sustentação de nosso objeto de estudo, sobre o qual, daqui em diante, debruçamos em definitivo:

[...] Autonomia, protagonismo e empoderamento. O primeiro diz respeito à dimensão simbólica da cultura, atividade essencial ao imaginário humano; o segundo está associado à cidadania, conquista de direitos básicos como alimentação, saúde, moradia, educação e voto; e, finalmente, o empoderamento, decorrente da emancipação por meio de atividades artísticas e culturais facilitadoras de geração de emprego e renda [...].²⁵

²¹ FERREIRA, Juca. Um grande encontro no coração do Brasil: a mudança pela cultura. In: Seminário nacional de políticas públicas para as culturas populares. Brasília: Ministério da Cultura, 2005. p. 19-20.

²² BARBALHO, Alexandre. Políticas culturais no Brasil: identidade e diversidade sem diferença. III Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura - Enecult. Salvador, Bahia. 2007

²³ TURINO, Célio. “Desescondendo” o Brasil profundo. In: CULTURA VIVA – PROGRAMA CULTURA VIVA. 2007

²⁴ LIMA, Venício Arthur de. Comunicação e Cultura: as ideias de Paulo Freire. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

²⁵ ANDRIES, André. Pontos de cultura, uma experiência de política pública participativa. UFMG. Belo Horizonte: 2010.

O PNCV, portanto, tem como premissa o pensamento humanista de Paulo Freire, onde tem sua maior fonte de alimentação e referência, especialmente por meio de uma definição do ser humano enquanto um ser inconcluso e de sua vocação ontológica em ser mais, em ir além, em permanente procura²⁶. De igual modo, os conceitos de empoderamento, autonomia e protagonismo social também foram inspirados nas ideias do educador que os compreende como uma alternativa de sustentabilidade econômica para as comunidades em que os Pontos de Cultura estão inseridos.

Ainda assim, além dos três conceitos identificados enquanto norteadores de um pensamento libertador de cidadania e desenvolvimento humano, o PNCV também postula o compartilhamento da gestão dos Pontos e da participação democrática situadas em *redes [grifo nosso]* para sua funcionalidade, por meio de processos de deliberação pública. Características fundamentais para a promoção de um desenvolvimento endógeno que preserve as identidades²⁷ (FONTE; RANABOLDO, 2007; FLORES, 2006)

Da forma que os Pontos de Cultura podem ser enquadrados à moldura do que Avritzer nomeia como um arranjo deliberativo argumentativo já que “envolve duas circularidades relacionadas não somente à oposição entre argumentação e decisão, mas relacionadas também a uma segunda tensão entre pluralismo cultural e experimentação administrativa”²⁸:

[...] E, aqui, construir a rede, significa criar uma maior proximidade dos Pontos de Cultura, trocar experiências culturais, estéticas, sociais, fazer uma gestão compartilhada, empoderar ações e sujeitos que trabalham o despertar da música, da literatura, das artes visuais, do teatro, da dança e assim, cada um deles em sua especialidade possa trocar, estender e disseminar ações dentro e fora do Programa Cultura Viva[...].²⁹

O que permite através da iniciativa, para uma prática³⁰ política que toma a cultura como o conjunto de saberes e fazeres da população que deverá buscar e trabalhar com o diverso, com o plural, investir no diálogo que promova e fortaleça a diversidade cultural.

²⁶ STRECK, Danilo R. REDIN, Euclides, ZITKOSKI, Jaime J. (orgs.) Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2008.

²⁷ Op. Cit. FONTE; RANABOLDO (2007)
Op. Cit. FLORES 2006).

²⁸ AVRITZER, Leonardo. Teoria Democrática e deliberação política. Revista Lua Nova. São Paulo, nº 49, 2000-a, pp.26 a 46

²⁹ TURINO. Célio. Pontos de Cultura – O Brasil de baixo para cima. São Paulo, Editora Anita Garibaldi. 2009

³⁰ BARBALHO, Alexandre; BARROS, José Márcio; CALABRE, Lia. Federalismo e políticas culturais no Brasil. EDUFBA, 2013.

Ainda na questão transversal sobre a identidade cultural enquanto celebração da diferença³¹ aponta que a questão é afirmar as diferenças verticais, os antagonismos que atravessam a sociedade. É preciso “reafirmar a noção de um antagonismo inerente que constitui o campo social”³².

No antagonismo da participação da sociedade, o PNCV pretende contribuir incluindo essa parcela societária visando minorar as carências e dar autonomia e condições através de instrumentos e de estímulos para a produção e circulação de culturas locais e retirar do isolamento das comunidades em relação a novas tecnologias digitais.

Com essa pequena estrutura, tem-se o início de um processo de criação, uma rede horizontal de articulação, recepção e disseminação de iniciativas culturais inovadoras. O Ponto de Cultura é uma das extremidades, uma referência para novas conexões em rede. Enquanto o Programa Cultura Viva pode ser identificado como uma macro-rede, o Ponto de Cultura pode ser definido como uma micro-rede. A capacidade para buscar micro-soluções a partir da construção de redes locais e a disposição para se conectar em rede é um dos critérios para a escolha dos Pontos de Cultura e pode dar materialidade à expressão pense globalmente, aja localmente³³.

Dessa forma, buscamos trazer para a discussão deste trabalho, para uma análise das potencialidades da Associação dos Artesãos da qual por meio do Ponto de Cultura Jacquard, é necessário conhecer um pouco da atividade meio (PNCV) ou macro-rede; para uma atividade fim (Pontos de Cultura) micro-rede; e como podem se conectar as atividades enquanto sujeitos-participantes e atuantes desse processo que os colocam no compartilhamento das decisões no campo da cultural por meio da transversalidade da diversidade cultural e como desenvolvem suas atividades a partir da diferença, e as percepções do território que contribuirão para uma análise imprescindível para as primeiras ações do Ponto de Cultura Jacquard.

³¹ Ibid. BARBALHO (2007, p. 18)

ZIZEK, Slavoj. Chocolate e identidade. Folha de São Paulo, Caderno Mais!, São Paulo, 22 de dezembro de 2002, p. 12-13.

³² Ibid. ZIZEK (2002, p.12).

³³ LABREA, Valéria. Das margens se vêm melhor as estruturas de poder. In: Revista Brasileira de Educação Ambiental, Rede Brasileira de Educação Ambiental, Cuiabá, n° 4, 2009.

Associação dos Artesãos e o Ponto de Cultura Jacquard

A Associação dos Artesãos surge no ano de 2004, composta inicialmente por um grupo de 20 mulheres (associadas) que viram a oportunidade de se organizar através de práticas que já atuavam a partir da ovinocultura, ou a cultura da lã. Inicialmente foi um grupo composto basicamente por mulheres da terceira idade – faixa etária entre 70-80 anos, sendo que muitas já praticavam as técnicas de crochê e tricô (saberes) perpassados por meio de suas avós e suas mães, basicamente produzidos a partir da esquila da lã das ovelhas da região, da qual a ovinocultura, importante atividade econômica rural do município de Jaguarão em sua maioria de propriedade familiar, surgiu o artesanato em lã ovina, podendo ser considerado uma atividade tradicional.

Atualmente, com a entrada de novas integrantes, mais jovens, 30-40 anos, muitas a partir dos próprios cursos ofertados pela Associação dos Artesãos, tornaram-se associadas e viram oportunidade deste meio como uma ação geradora de trabalho e renda, assim aprendendo algumas das técnicas artesanais na confecção dos produtos a serem gerados.

Já na parte da confecção, o artesanato em lã produzido pelas associadas se materializa em um produto único, pois o processo de produção é manual desde a esquila da lã, da qual é produzido o material com a lã crua, sem nenhum tipo de tingimento ou coloração com a introdução de materiais químicos e/ou industrialização da peça. O tempo de duração de uma peça grande como uma colcha, poncho ou um casaco de frio, pode durar até 90 dias desde o processo da extração da matéria prima, a lavagem da lã, o cardeamento (confecção da lã em si) até a fiação em no maquinário de roca ou em fuso, finalizando com a confecção da peça.

Dentre as peças, são confeccionados vestuários que vão desde ponchos, boinas, casacos, blusas, entre outros, onde são comercializados no “boca a boca” pelas mais experientes e atualmente via redes sociais pelas mais novas. Há também vendas internacionais sob encomenda para Austrália de alguns produtos.

Além da confecção dos produtos artesanais, muitas das associadas participam de concursos municipais e estaduais por meio de feiras e exposições de ovinos que tratam o artesanato em lã enquanto um meio de um saber-fazer legitimando pelas técnicas aprendidas, difundidas e criadas pelas artesãs. Como se houvesse uma “arte rural-familiar”. Os formatos destes concursos vão desde o uso

da lã a partir das técnicas de fiação artesanal, tecelagem artesanal, industrial e composta, técnicas mistas artesanal, industrial e compostas, entre outros.

SECULT - Jaguarão

Secretaria de Cultura e Turismo de Jaguarão-RS-Brasil

quarta-feira, 28 de agosto de 2013

Artesãs Jaguarenses premiadas na 36ª Expointer



No domingo dia 25 de agosto, foram premiadas as artesãs vencedoras do X Concurso Estadual de Artesanato em Lã e Peles Ovinas, realizado durante a 36ª Expointer, no Salão do Artesanato Gaúcho. Foram premiados 17 artesãos de diferentes cidades do Estado, sendo cinco do município de Jaguarão. As peças concorreram em categorias distintas, desde as práticas de tecelagem, técnicas mistas e outras técnicas, dentre as quais o crochê de lã em jacquard, característica dos trabalhos de artesanato em lã de Jaguarão. O Concurso oferece a oportunidade aos artesãos mostrarem, em nível estadual, a qualidade dos trabalhos. Na manhã do dia 27 de agosto, no prédio da Associação das Artesãs de Jaguarão os prêmios foram repassados as cinco artesãs que receberam homenagens do Secretário de Desenvolvimento Econômico Paulo Vieira, de Alencar Porto e Andréa Lima, representando a Secretaria de Cultura e Turismo e de Ana Lécya Pacheco, representando a EMATER. A vencedora da categoria outras técnicas fio artesanal foi a artesã Débora Lima, do município de Jaguarão. A artesã Nilza Peres Oliveira conquistou o segundo prêmio nesta categoria. Na categoria tecelagem artesanal a artesã Elici Ferreira Galdas conquistou o primeiro lugar. As artesãs Nelva Gonçalves e Wamandiry Ferreira receberam os prêmios de primeiro e segundo lugares respectivamente, na categoria outras técnicas fio industrial. As peças vencedoras do concurso podem ser vistas no Salão do Artesanato Gaúcho, até o próximo domingo. O espaço fica localizado na quadra 30 do Parque Assis Brasil, em Estrela. O concurso foi promovido pela Associação Brasileira de Criadores de Ovinos Naturalmente Coloridos e Emater/RB-Ascar, com apoio de outras instituições.

Figura 1: Artesãs da entidade premiadas na 36ª Expointer/RS.
Fonte: Secretária de Cultura e Turismo de Jaguarão/RS. Ano: 2013.

Ainda embora o reconhecimento das técnicas das artesãs jaguarenses da fiação de lã seja supra conhecido e tornando-se único no estado e quiçá no Brasil, houve até o primeiro semestre de 2016, com auxílio da Secretária do Desenvolvimento Econômico por meio de disponibilização de espaço para a sede da entidade em troca da oferta de cursos gratuitos de tricô em Jacquard para moradores do bairro localizado no Centro de Economia Solidária, mesmo local da sede.

Mas isso ainda é insuficiente e volta a tornar-se um problema constante no desenvolvimento para estas atividades, contudo o grau avançado de idade de pelo menos metade das artesãs, das quais torna inviável desde a participação nas atividades da Associação até a presença em concursos, feiras e

exposições torna-se inviável por problemas de saúde, muitas acabam se afastando por motivos de ordem pessoal, o que acaba enfraquecendo a atividade e a perpetuação das técnicas levando ao desaparecimento.

Nesse sentido, por meio de produtores culturais da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA em conjunto com a ex-presidenta da Associação dos Artesãos, foi contemplado o projeto intitulado: Ponto de Cultura Jacquard por meio do Edital de chamamento e seleção de entidades para o desenvolvimento do projeto “Rede RS de pontos de cultura lançado no ano de 2014. O projeto contemplado prevê justamente o prognóstico desse problema resultando como:

Objetivo central do projeto é a salvaguarda e a difusão da cultura do artesanato tradicional por meio da técnica do Jacquard. Compreende-se que o edital de criação de Pontos de Cultura funcionará como um instrumento de pulsão e articulação de ações e projetos já existentes da Associação. A partir daí vimos a oportunidade de inscrever nosso projeto que possibilitará a execução de ações voltadas à preservação desta técnica que corre o risco de desaparecer. Serão ofertados cursos e oficinas voltados para a aprendizagem e a difusão desta tradição, auxiliando assim no fomento e permanência desta cultura popular que é considerada um patrimônio imaterial para a nossa sociedade³⁴.

A importância do projeto é uma via de mão dupla; tanto para entidade enquanto potencializadora de suas atividades da qual condicionará a inclusão de novos equipamentos como máquinas e peças de seus produtos para as oficinas e futuramente compartilhará para auxílio da entidade no atributo de suas funções, e a partir da aquisição de materiais digitais, como computadores condicionando a manutenção e expansão das atividades via internet.

Mas principalmente, o que se pretende é preservar essa técnica e reverberar uma potencial atividade para mais pessoas, interessados que possam agregar e incluir-se nessa esfera de atuação enquanto trabalhadoras a partir da permanência da cultura tradicional vinculado há uma dimensão geográfica e simbólica existente na região, fazendo com que se identifiquem através da cultura da lã e que se efetive enquanto geradora de trabalho e renda de acordo com as suas necessidades para a comunidade jaguareense.

Mesmo ainda em fase de implementação tanto do Programa como do Ponto de Cultura em Jaguarão, não há dúvida sobre a potencialidade que um Ponto de Cultura pode ter enquanto uma possibilidade de auto-reconhecimento, inclusão e participação de comunidades que possam ter o

³⁴ Justificativa do Projeto em fase de idealização (Ponto de Cultura Jacquard) em 2014.

acesso e se identifiquem com vistas à uma sociedade tão desigual e desprovida de acesso e exercício da cidadania.

O que se pretende é perceber um outro ponto de vista, um ponto onde a cultura a viva seja sentida pelo povo vivo e junto com o povo. Com isso o programa Cultura Viva envolve esta dimensão intangível da vida: é o povo em movimento; e o Ponto de Cultura, a autonomia e o protagonismo sociocultural deste povo³⁵.

Espelhando a diversidade através da diferença, e a diferença através do diferente, e o diferente através do igual, acaba-se por compreender como experiências e vivências acabam-se por tornarem iguais e diferentes ao mesmo como Turino nos conta em suas mais de 600 viagens pelo Brasil:

[...]. No extremo sul do Brasil, em São Lourenço do Sul, cidade da Revolução Farroupilha, às margens da Lagoa dos Patos, há dois Pontos: um de pomeranos, outro de quilombolas. Hoje atuam em conjunto, mas a convivência não era tranquila. Os quilombolas do Sul são descendentes de escravos que resistiam ao trabalho desumano a que eram submetidos pelos criadores de gado e suas fazendas de charque; para viver em liberdade fugiam para morros e regiões perdidas no meio da mata. Com a imigração alemã no século XIX, vieram os pomeranos, povo de origem eslava germanizado há muitos séculos. Por não serem propriamente alemães também sofriam discriminação em sua terra de origem; nas guerras eram forçados a se alistar na infantaria, sendo os primeiros a morrer. Com o nazismo esta prática foi intensificada e milhares morreram na frente oriental. No início do século XXI há aproximadamente 500 mil descendentes de pomeranos na Alemanha, mas sua cultura e dialeto estão mais preservados nas colônias brasileiras que em sua terra de origem. Mesmo assim se consideravam alemães. Como imigrantes, foi-lhes destinada a mesma terra habitada por quilombolas. Sentiam-se detentores de uma cultura superior à dos quilombolas e o relacionamento entre eles era tenso. Mas eslavo vem de escravo, por isso foram tão humilhados e maltratados na pátria que julgavam sua. Quilombolas e pomeranos, ambos filhos da diáspora. Com o Ponto de Cultura criam o coral **Afro-Pomerano**[...]³⁶.

Trazemos Hall (2006) à discussão rapidamente para complementar que a perspectiva diaspórica da cultura³⁷ pode ser vista como uma subversão dos modelos culturais tradicionais orientados para a nação. Como outros processos globalizantes, a globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos. Suas compreensões espaço-temporais, impulsionadas pelas novas tecnologias, afrouxam os laços entre a cultura e o lugar³⁸.

A identidade através diversidade cultural pode e deve ser um meio determinante de inclusão para toda e qualquer forma de produção artística-cultural e deve ser pensado enquanto uma força de

³⁵ Ibid. TURINO (2009, p.16).

³⁶ Ibid. TURINO (2009, p.19)

³⁷ HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. TupyKurumin, 2006.

³⁸ Ibid. HALL (2006, p. 36).

inclusão e não de exclusão. Um Ponto de Cultura motivado pela potência na diversidade pode modificar um ação-temporal real nas comunidades específicas potencializando conhecimento e difusão dos processos socioculturais como forma de desenvolvimento humano através dos territórios comunicando-se do local para o regional, e do regional para o global.

Cabe ressaltar ainda, que por outra via, mediante processos burocráticos e por mudanças de projetos e programas políticos ainda não há a efetivação do prognóstico pensado, pois o recurso ainda não foi liberado (caso ainda seja liberado). Outra forma de se pensar, é o quanto, esta iniciativa do PNCV por meio do Ponto de Cultura é necessária enquanto uma política cultural de acesso aos recursos e insumos monetários e econômicos, movendo o Brasil de baixo para cima, de cabo a rabo, de lado a lado numa mudança de protagonismo desde o processo de produção, difusão, e criação do campo cultural.

Primeiras impressões do Ponto de Vista

Observou-se numa primeira análise, de caráter exploratório, que a implementação do Ponto de Cultura *Jacquard*, tem em seu cerne a intenção de promover as características de determinado território, colaborando assim para a promoção das identidades como forma de expressão cultural dos atores locais. Essa instituição conecta os atores locais a outros, permitindo a ampliação da capacidade de ação local.

A promoção dessas identidades, através de atividades econômicas produtivas, especificamente o artesanato, tem por fundamento a expansão das liberdades individuais³⁹ tornando possível que esses indivíduos tenham mais acesso a oportunidades na sociedade, através do aumento da renda pelo fortalecimento da identidade cultural e promoção dos trabalhos realizados. O fortalecimento da cultura local e a sua salvaguarda permite a inserção de mais pessoas na atividade produtiva e ampliação do trabalho.

É notado, que a instituição enquanto meio para atingir maiores liberdades individuais, é de fato uma ferramenta que pode fortalecer não só a renda das famílias, mas também a coesão social, fortalecendo as ligações entre os atores sociais envolvidos nesses processos (FLORES, 2006).⁴⁰

³⁹ Op. Cit. SEN (2007)

⁴⁰ Op. Cit. FLORES (2006)

O ponto de cultura, como desdobramento do Programa Federal Cultura Viva, traz à localidade atores externos, que através da colaboração com as artesãs, fortalecem a capacidade de um desenvolvimento endógeno do território, que além de amparado institucionalmente, pode impulsionar a capacidade dos cidadãos locais, tornando-se ferramenta útil para a redução da desigualdade e dar acesso a melhores condições de vidas, colocando-os como protagonistas deste processo por meio da diversidade cultural enquanto formas de identidades buscando através da preservação do saber local, que passa a ser difundido de maneira sistemática.

Referências Bibliográficas

- ANDRIES, André. *Pontos de cultura, uma experiência de política pública participativa*. UFMG. Belo Horizonte: 2010.
- ÁVILA, V. S.; FRUET, A. P.; BARBIERI, M.; BIANCHINI, N. H.; DÖRR, A. C. *O Retorno da Ovinocultura ao Cenário Produtivo do Rio Grande do Sul*. Florianópolis: Rev. Elet. em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental, v.11, no 11, p. 2419-2426, JUN, 2013.
- AVRITZER, Leonardo. *Teoria Democrática e deliberação política*. Revista Lua Nova. São Paulo, nº 49, 2000-a, pp.26 a 46.
- BARBALHO, Alexandre. *Políticas culturais no Brasil: identidade e diversidade sem diferença*. III Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultural – Enecult. Salvador, Bahia. 2007.
- BARBALHO, Alexandre; BARROS, José Márcio; CALABRE, Lia. *Federalismo e políticas culturais no Brasil*. EDUFBA, 2013.
- DELGADO, G. C. *Expansão e modernização do setor agropecuário no pós-guerra: um estudo da reflexão agrária*. Estudos avançados, v. 15, n. 43, p. 157-172, 2001.
- FERREIRA, Juca. *Um grande encontro no coração do Brasil: a mudança pela cultura*. In: Seminário nacional de políticas públicas para as culturas populares. Brasília: Ministério da Cultura, 2005. p. 19-20.
- FONTE, M. RANABOLDO, C. *Desarrollo rural, territorios e identidades culturales. Perspectivas desde América Latina y la Unión Europea*. In: URIBE, D. S. MALDONADO, C. E. FONTE, M.
- FLORES, Murilo. *Desarrollo rural con identidad cultural: conceptos y reflexiones teóricas*. In: URIBE, D. S. MALDONADO, C. E. FONTE, M. RANABOLDO, C. Territorios con identidad cultural. Perspectivas desde América Latina y la Unión Europea. Colombia: Revista Opera, 2008. Capítulo 1, p. 33-55.
- _____. *A identidade cultural do território como base de estratégias de desenvolvimento—uma visão do estado da arte*. Santiago-Chile: RIMISP, 2006
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. TupyKurumin, 2006.
- KHALFAN, Zulf. *Pequeños rumiantes con gran potencial*. CIID Informa, v. 10, n. 3, p. 20-21, 1984.
- LABREA, Valéria. *Das margens se vêm melhor as estruturas de poder*. In: Revista Brasileira de Educação Ambiental, Rede Brasileira de Educação Ambiental, Cuiabá, nº 4, 2009.
- LIMA, Venício Arthur de. *Comunicação e Cultura: as ideias de Paulo Freire*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- PAIVA, Ruy Miller. *Modernização e dualismo tecnológico na agricultura*. *Pesquisa e Planejamento*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 171-234, dez. 1971.

- PEREIRA, J. M. D. Uma breve história do desenvolvimentismo no Brasil. *Cadernos do Desenvolvimento*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 9, p.121-141, jul.-dez. 2011
- PEREIRA, L. C. B. *Desenvolvimento e crise no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976
- _____. *Estado e subdesenvolvimento industrializado: esboço de uma economia política periférica*. Editora Brasiliense, 1977.
- POETA, A. P.; SANTOS, D. V.; KOHEK JR, I.; MACHADO, G.; HEIN, H.; VIDOR, A. C.; CORBELLINI, L. G. *Ovinocultura do Rio Grande do Sul: descrição do sistema produtivo e dos principais aspectos sanitários e reprodutivos*. Pesquisa Veterinária Brasileira (Online), v. 12, p. 1441-1446, 2013
- PRESIDENCIA DA REPÚBLICA. *LEI Nº 13.018, de 22 de julho de 2014, que institui a Política Nacional Cultura Viva*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13018.htm. Acessado em 04/10/16.
- RANABOLDO, C. *Territorios con identidad cultural. Perspectivas desde América Latina y la Unión Europea*. Colombia: Revista Opera, 2008. Introducción, p. 7-33.
- RODRIGUEZ-FERREIRA, J. C. *La Economía Mundial y el Desarrollo*. Madrid: Acento, 1997.
- SEN, A. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia de Letras, 2007.
- STRECK, Danilo R. REDIN, Euclides, ZITKOSKI, Jaime J. (orgs.) *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2008
- TONNEAU, J. P., AQUINO, R., TEIXEIRA, O. A. *Modernização da Agricultura Familiar e Exclusão Social: O dilema das políticas agrícolas*. Cadernos de Ciência & Tecnologia, Brasília, v. 22, n. 1, p. 67-82, jan./abr. 2005.
- TURINO, Célio. *Desescondendo o Brasil profundo*. In: CULTURA VIVA – PROGRAMA. 2007.
- _____. *Pontos de Cultura – O Brasil de baixo para cima*. São Paulo, Editora Anita Garibaldi. 2009.
- VIANA, J. G. A. *Panorama Geral da Ovinocultura no Mundo e no Brasil*. Porto Alegre: Revista Ovinos, n. 12, março/2008
- VIANA, J. G. A., WAQUIL, P. D. *The evolution of sheep production in Rio Grande do Sul and Uruguay: a comparative analysis of structural change*. Santa Maria: Ciência Rural, v.43, n.6, p.1131-1140, jun/2013.
- VIANA, J. G. A., SILVEIRA, V. C. P. *Análise econômica da ovinocultura: estudo de caso na Metade Sul do Rio Grande do Sul, Brasil*. Santa Maria: Ciência Rural, dez/2008.
- YATES, Marypaul. *Textiles: a handbook for designers*. New York: Norton & Company, 1996.
- ZIZEK, Slavoj. *Chocolate e identidade*. Folha de São Paulo, Caderno Mais!, São Paulo, 22 de dezembro de 2002, p. 12-13.

Artigo recebido em: 14/10/2016 ♦ Artigo aprovado em: 10/11/2016